

## O INÍCIO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E O PAPEL DO AMBIENTE ALFABETIZADOR

*Klegillen Beatriz da Silva Canelas<sup>1</sup>*

*Amanda Murta Gama<sup>2</sup>*

*Isabella de Moraes Costa Paim<sup>3</sup>*

*Leonan da Silva Castro<sup>4</sup>*

***Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar;***

**Resumo:** O presente estudo tem como proposta analisar o início do processo de alfabetização e concebê-lo para além do ato de codificar e decodificar símbolos e adquirir a capacidade da escrita. Destaca-se também, a importância de haver uma sala de aula onde sua organização seja construída com, por e para as crianças, ou seja, a alfabetização deixa de ser estruturada apenas por técnicas e métodos, e passa a centrar-se na interação do aprendiz com seu objeto de conhecimento. A metodologia da pesquisa é de cunho qualitativo, realizada a partir da revisão bibliográfica de alguns autores como Smolka (2008), Teberosky (1991), Ferreiro (1999) e Vygotsky (1988). Buscamos discutir o início do processo de alfabetização e a construção de um ambiente alfabetizador, com o objetivo de contribuir com as discussões que permeiam esse processo quanto ao desenvolvimento da escrita. Em suma, reconhece-se ser imprescindível que os professores, como mediadores desse processo, apropriem-se de meios para a consumação de uma alfabetização contextualizada e com significado para a criança.

**Palavras-chaves:** Alfabetização; Processo; Ambiente.

### Introdução

A Alfabetização se conceitua pela entrada no mundo da escrita, sendo um direito de todos, à tornarem-se leitores e pessoas capazes de escrever. Trata-se de um processo cultural, coletivo e sistematizado; uma inserção em práticas de leitura e escrita (KRAMER, 2010, p. 2). Para Mortatti (2011), a alfabetização é vista como um instrumento privilegiado de aquisição de conhecimento, um importante mecanismo para o desenvolvimento dos indivíduos.

Entretanto, a partir das experiências e discussões nas aulas da disciplina Linguagem Oral e Escrita e em concordância com Smolka (2008), observou-se que o processo de alfabetização está para além do ato de codificar e decodificar símbolos e adquirir a capacidade

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: [klegillen13@gmail.com](mailto:klegillen13@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: [amanda.gama@iced.ufpa.br](mailto:amanda.gama@iced.ufpa.br)

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: [isabella.paim@iced.ufpa.br](mailto:isabella.paim@iced.ufpa.br)

<sup>4</sup> Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: [leonan.castro48@gmail.com](mailto:leonan.castro48@gmail.com)

da escrita, uma vez que a autora conceitua esse processo como discursivo, onde a criança vai alcançando alternativas de escrita a partir de uma aproximação da escrita habitual. Além disso, ainda de acordo com a autora, observamos que tal processo deve fazer sentido para a criança, não podendo ser feito de maneira que seja isolado do seu contexto social e cultural.

Partindo desse pressuposto teórico, mas também da observação de vivências em estágios, entendemos a relevância deste trabalho para a discussão sobre o início do processo de alfabetização, uma vez que, atualmente, apesar das diversas discussões a respeito do tema e de já termos avançado em alguns eixos, ainda é possível encontrar em algumas escolas, professores que iniciam este processo de forma descontextualizada da realidade do seu educando, tornando um trabalho fatigante e desinteressante para a criança.

Assim, surgiram duas questões problema: Como iniciar o processo de alfabetização? De que forma a construção de um ambiente alfabetizador contribui neste processo? Falaremos sobre a importância da aproximação da criança com este objeto de estudo; a necessidade da participação dos pais e professores e; por fim, a utilização do ambiente alfabetizador para a realização de tal processo.

A metodologia utilizada neste trabalho é de cunho qualitativo, onde, por meio da revisão bibliográfica de alguns autores como Smolka (2008), Teberosky (1991), Ferreiro (1999) e Vygotsky (1988), buscamos discutir temas julgados pertinentes e necessários sobre o tema da alfabetização, com o objetivo de contribuir com as discussões que permeiam esse processo.

## **O Início do processo de alfabetização pelo nome**

O processo de aquisição da linguagem escrita de uma criança é permeado por influências sociais, uma vez que desde muito cedo a criança é exposta a diversos símbolos a serem codificados, com isso, podemos entender que o começo do processo de alfabetização inicia-se muito antes da escolarização, haja vista que esse processo não se limita às quatro paredes da sala de aula.

Smolka (2008) entende a alfabetização como um processo discursivo, isto é, o aluno vai alcançando alternativas de escrita num desenvolvimento de aproximação da escrita habitual, no qual um dos seus argumentos centrais é a ideia da natureza social, ou da sociogênese do desenvolvimento humano<sup>5</sup>. Assim, os modos de pensar, agir, falar e sentir das crianças vão sendo construídos e adquirindo sentido a partir das relações sociais que

---

<sup>5</sup> Campo do desenvolvimento humano onde encontra-se as relações sociais feitas, as quais são realizadas pelo próprio ser humano. Trata-se também do campo de origem e desenvolvimento da produção de cultura e organização de contextos - macros e micros - sendo eles influenciados pelas relações mais próximas, como família, escola, comunidade, entre outros.

constroem no decorrer da vida.

Entende-se então que fazer uso da linguagem oral e escrita é tornar-se participante dessa cultura e isso ocorre muito antes de ser propriamente alfabetizado. Para que o processo de alfabetização não seja descontextualizado das vivências dos educandos, a leitura e a escrita não devem ser trabalhadas de forma isolada nas escolas, pois tornará o processo sem sentido e desinteressante para as crianças, ou seja, o ensino da escrita deve ter sentido e significado, para que os discentes possam compreender, desde a mais tenra idade, que o uso da linguagem escrita tem uma função social.

Por conseguinte, Smolka (2008, p. 95) afirma:

“A escola ensina palavras isoladas e frases sem sentido, e não trabalha com as crianças no ano escolar da alfabetização o “fluir do significado”, a estruturação deliberada do discurso interior pela escritura.” (SMOLKA, 2008, p.95)

Partindo desse pressuposto, é importante entendermos o processo de alfabetização indo além da decodificação de símbolos, pois as possibilidades na linguagem oral vão para além disso. Diante de tal pensamento, Vygotsky (2007, p. 145) afirma que:

“Não se pode negar a possibilidade de ensinar a criança em idade pré escolar a leitura e escrita, muito pelo contrário, pensa-se que é desejável ensiná-las a ler e a escrever, no entanto é importante que esse ensino seja organizado de forma que essa prática não se restrinja a saudações e palavras vazias de significados, e que está escrita desempenhe uma tarefa relevante para a vida, não se limitando apenas ao desempenho de habilidades manuais, mas de uma atividade complexa de linguagem.” (VYGOTSKY, 2007, p. 145)

É importante ressaltar que, é indispensável aproximar e envolver a criança da prática do aprender a linguagem escrita, pois o interesse do educando é a força motriz para o melhor desenvolvimento do processo. Além disso, é necessária a participação e envolvimento dos responsáveis, para que assim o sujeito se aproprie da linguagem oral e escrita dentro de suas casas, a partir da interação social com seus familiares, trazendo maior sentido ao processo que a criança está desenvolvendo.

Em concordância com Vygotsky (2007) e Bakhtin (2009), devemos considerar a atividade mental da criança não apenas de forma cognitiva, mas também de maneira discursiva, de modo que, a linguagem não se resuma a um objeto de conhecimento, pois a mesma pode ser - e é - um meio de interação social e de inter-relação das ações e emoções do sujeito.

Diante do que foi supracitado, Smolka (2008) afirma ser necessário refletir a prática dos professores alfabetizadores, pensando em como apresentar para a criança a cultura da escrita de forma que faça sentido para ela e, ainda, que o mediador do processo - o educador - incentive o sujeito. Assim, o professor, enquanto interlocutor das relações de ensino e do processo de aprendizagem deste sujeito, precisa apropriar-se de práticas pedagógicas que busquem ampliar a curiosidade da criança, corroborando com várias formas, fontes e suportes

para a escrita, valendo-se dos mais variados recursos e metodologias para criar possibilidades de vivenciar os muitos objetivos e sentidos da escrita.

A partir do que foi apresentado anteriormente, pode-se considerar que, iniciar o processo de alfabetização pelo próprio nome da criança, é uma excelente alternativa, pois o nome informa a criança sobre as letras, quantidade, variedade, posição e ordem. Além de ser uma palavra fixa, um modelo estável, um ponto de referência para a criança, ou seja, terá significado para a criança, pois é o que a situa no mundo enquanto pessoa (TEBEROSKY, 1991).

De acordo com o campo da experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, disposto na BNCC (2018), espera-se que a criança adquira as seguintes habilidades:

(EI02EF03) “Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).” (BNCC, 2018, p. 49).

Sendo assim, a partir do que já foi citado, podemos afirmar que é de suma importância não apenas alfabetizar a criança com o fim de decodificar os símbolos, mas sim para que a mesma veja a correlação entre a linguagem escrita e a sociedade, entendendo por fim que, tal linguagem, possibilidade e imersão da mesma na sociedade e em uma cultura permeada por diversos tipos de textos.

### **A importância de criar um ambiente alfabetizador**

O tema ambiente alfabetizador tornou-se parte das discussões sobre alfabetização em meados da década de 1980 por Emília Ferreiro, quando ocorreu a difusão das ideias construtivistas, em que o foco passa a ser a criança e o seu processo de apreciação da escrita. Neste momento, o cerne dos estudos acerca da alfabetização deixa de ser acerca técnicas e métodos, e passa a centrar-se na interação do aprendiz com seu objeto de conhecimento.

A partir disso, as discussões passam a ser centradas na perspectiva de que a criança é capaz de refletir sobre o sistema de funcionamento da língua e de apreender uma cultura de escrita e leitura antes mesmo de ser alfabetizada. A criança deve iniciar esse processo apropriando-se dos sinais gráficos da linguagem e de suas regras de funcionamento por meio do contato com os livros, com o alfabeto e de uma intensa participação em práticas de leituras e escrita.

Esta constatação levou Ferreiro a propor o que passou a denominar “ambiente alfabetizador”, que visava levar para sala de aula um ambiente semelhante ao que as crianças viviam em seu cotidiano quando expostos em situação de leitura e escrita. (ARAÚJO et al., 2001, p. 142)

Trata-se de tornar a sala de aula um ambiente construído com, por e para as crianças, para que, após a atividade, a aprendizagem seja reforçada pela lembrança, pois tudo que foi produzido, trabalhado ou lido, estará sempre ao alcance e vista dos educandos. Ferreiro e Teberosky (1999, p. 4) destacam que “[...] existe na criança uma tendência à imitação [...]” o que ressalta a necessidade de observar e refletir de qual forma está sendo constituído e o que emerge nos ambientes em que essas crianças vivem em constante contato.

Posto isto, entende-se que o professor, como mediador desse processo, deve criar desafios para seus alunos em contextos que façam sentido para eles, buscando estimular a criticidade, a pesquisa, a discussão e o debate (FOSSILE, 2010). Desse modo, também é papel do docente criar estratégias para a organização de uma ambiente que seja capaz de desafiar e estimular o aluno em seu processo de aprendizagem, fazendo com que ele seja capaz de adquirir a cultura da escrita, da leitura e de suas regras de funcionamento, isto é, fazer da sala de aula um ambiente alfabetizador, no qual, tanto a leitura, quanto a escrita devem estar presentes neste ambiente (NUNES, 1990).

A organização desse espaço pode ser composta por diferentes tipos de textos, não se limitando a uma organização somente feita por livros, mas indo muito além disso.

“Além dos livros e dos jogos, os docentes utilizam em suas salas de aula recursos como cartazes, que contribuem em atividades envolvendo diferentes tipos de gêneros textuais, como cantigas, listas e receitas. Esses recursos favorecem, também, a reflexão sobre a língua escrita, pois auxiliam o aluno a visualizar os textos, observando as letras, sílabas e palavras que compõem os mesmos.” (SILVA, 2013, p.53).

Todavia, é importante ressaltar que, quando falamos sobre um ambiente alfabetizador, vamos muito além de letras, textos e cartazes prontos, o que deve ser abordado no ambiente são recortes de cada criança, de suas próprias produções e de sua realidade social, pois este espaço precisa também ser marcado pelo significado do que vem ser o mundo da linguagem em que as crianças estão inseridas, ou seja, tanto a sala de aula, quanto os demais materiais não devem ser utilizados apenas com um teor decorativo, pois não farão sentido algum para o discente. O fim último é fazer com que o ambiente e os materiais sejam usufruídos de modo intencional e significativo para aquela criança, sendo condizente com a sua realidade. (TEBEROSKY E COLOMER; 2003, p. 111); (FREIRE; 1999, p. 96).

Desse modo, o ambiente alfabetizador pode ser entendido como aquele em que a cultura escrita é problematizada e construída pelos participantes e também protagonistas do processo de aprendizagem, com base no contexto escolar, social e cultural dos discentes - e toda a comunidade escolar. Este ambiente pode ser compreendido pela presença de livros, textos digitais, revistas, jornais, alfabeto e pelas práticas sociais de leitura e escrita mediadas por esses materiais. Porém, quando falamos sobre tal tema, não podemos perder de vista

que os protagonistas desses espaços são as crianças, pois quem vai desfrutar dos mesmos são elas, seja interagindo, brincando, estudando ou observando.

## **Resultados e Discussão**

A criança percebe e olha com curiosidade para tudo ao seu redor, logo, perceberá que o mundo é repleto de símbolos, que estão por toda a parte e transmitem alguma mensagem. Como exposto por Ferreiro e Teberosky (1999), desde muito cedo as crianças são expostas a diversos atos de fala, imagens, sons, movimentos, formas, cores, entre outros símbolos, de modo que, tornam-se capazes de imitar e reproduzir o que veem desde então.

É justamente a partir das experiências que a criança já possui, ou seja, das vivências, do seu vocabulário e suas compreensões, que o docente deve iniciar o processo de aprendizagem dos discentes. Começa-se o processo de alfabetização a partir do nome da criança, pois é algo significativo, fixo e que a situa no mundo. Além de poder trabalhar outras coisas, como apresentar as letras do seu próprio nome - e também do nome dos colegas e de seus familiares, por exemplo-, a ordem das letras, sua posição, a quantidade de letras, suas variedades; são todas possibilidades que variam da apresentação do nome.

No que concerne à construção do ambiente alfabetizador, Moreira & Vicente (2017, p. 23), nos dizem que: “[...] a criança se desenvolve culturalmente, visualizando e participando com os espaços, objetos e a referência do adulto.” Assim, caberá ao professor -que além de mediador do processo de aprendizagem, é uma referência para os alunos-, escolher e privilegiar atividades que sejam significativas e interessantes, ou seja, tenham como ponto de partida as vivências dos educandos, pois a curiosidade e o entusiasmo são força motriz neste processo. Além disso, a visualização posterior, servirá para a recordação e fixação das aprendizagens, por isso, a exposição na sala de aula das atividades construídas, dos livros lidos e disponíveis para que a criança possa manusear livremente, são de suma importância.

## **Considerações Finais**

As reflexões feitas mediante as leituras e vivências, possibilitaram uma discussão mais crítica sob o início do processo de alfabetização e a eficácia dos ambientes alfabetizadores. Quando pensamos sobre este processo, é necessário entendê-lo de forma discursiva, de modo que a criança possa alcançar alternativas de escrita por meio da aproximação da criança a uma escrita recorrente. Entendemos que “ser alfabetizado” está muito além de saber ler e escrever palavras, mas nos possibilita exercer uma leitura crítica do mundo.

Entender que a atividade de alfabetização se perpetua além da perspectiva de codificação e decodificação de símbolos interfere diretamente na práxis dos professores

alfabetizadores, fazendo com que haja de forma veemente uma busca por novas alternativas de ensinar a criança a exercer tal ação, como meio de imersão na sociedade, haja vista que o processo de alfabetização é indispensável para a reflexão e leitura do mundo e seus símbolos.

Ao assimilar as reflexões supracitadas, reconhece-se ser imprescindível que os professores, como mediadores desse processo, apropriem-se de meios para a consumação de uma alfabetização contextualizada e com significado para a criança, considerando seus conhecimentos prévios e sua realidade, rompendo com o ensino tradicional de alfabetização, permeado por atividades monótonas de memorização - ou o ato repetitivo de cobrir e copiar - , mas sim uma prática educativa que lhes proporcione interesse pela escrita e leitura. Assim, almejamos a construção de um ambiente que estimule a criança a emergir neste processo de forma habitual, utilizando do seu próprio nome para dar início a este processo, tornando-o significativo.

## Referências

ARAÚJO, M. Ambiente alfabetizador: a sala de aula como entre-lugar de culturas. In: GARCIA, R. L. (org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. pág. 49. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22. Maio. 2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE; Madalena. Dois olhares ao espaço-ação na pré-escola: espaço e vida. In: MORAIS, R. (Org.). **Sala de aula: que espaço é esse?**. 12ª ed. Campinas: Papyrus, 1999.

FOSSILE, Dieysa K. Construtivismo versus sócio-interacionismo: uma introdução às teorias cognitivas. In: **Revista Alpha**. Patos de Minas: UNIPAM, v. 11, pp. 105-117, ago. 2010. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha/issue/view/122/Revista%20Alpha%20N%2011%202010>

KRAMER, Sônia. Verbete: Alfabetização. **Revista Sede de Ler**. Rio de Janeiro, nº 01, nov. 2010. Disponível em: <https://sededeler.files.wordpress.com/2010/11/sede-de-ler-digital-n-011.pdf>

MORTATTI, M. R. L. **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. Marília: Cultura Acadêmica, 2011. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/alfabetizacao.pdf>.

MOREIRA, Aline; VICENTE, Luciane. **Ambientes alfabetizadores e suas contribuições ao processo de alfabetização**. 2017. 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó.

NUNES, Terezinha. Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, n. 12, p. 21-32, dez. 1990. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46981990000200004&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981990000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 de Jan. 2023

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Thaise da. **O “discurso renovador da Leitura” e a produção de práticas domésticas de leitura na interação com práticas escolares**. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Tradução: Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Tradução Beatriz Cardoso. 4ª ed. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. et al. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 4ª ed. São Paulo: Ícone, 1988.